

## Calvino e a Bíblia

TIMÓTEO A. J. CAVACO  
Sociedade Bíblia de Portugal

João Calvino (1509-1564) é de todos conhecido pela sua personalidade multifacetada, homem de formação vasta e profunda. Mais fácil será sempre dizer o que Calvino foi tão completa demonstrou ser a sua actividade e as áreas que influenciou no seu tempo e mesmo nos séculos vindouros, persistindo a sua marca até aos dias de hoje.

Um distintivo da sua personalidade, entre muitos outros que poderíamos citar, foi a sua enorme capacidade de chamar a atenção para o que era objectivamente importante em detrimento de tudo o que era secundário, incluindo nesta categoria a sua própria pessoa e tudo o que se relacionava com a sua acção e modo de vida. Correndo o risco de sermos demasiadamente especulativos poder-se-ia afirmar que muito do que resultou de Calvino não foi fruto de um desejo, mais ou menos secreto, de evidenciar o seu notável conhecimento mas muito mais da forte consciência que tinha do bem comum, colocando assim à disposição do colectivo essas mesmas capacidades e, acima de tudo, dando glória unicamente a Deus.

Destacaríamos apenas dois aspectos que nos parecem importantes na relação que Calvino teve com as Sagradas Escrituras. O papel primordial que o Reformador deu à Bíblia em nada de fundamental se distinguiu do *sola scriptura* de Lutero.

---

### *O Tradutor das Escrituras*

---

Sem nunca ter completado uma tradução da Bíblia para a sua língua materna, João Calvino deve porém figurar na lista dos ilustres tradutores da Bíblia. Na verdade, não encontramos na sua vasta literatura ou correspondência qualquer intenção ou mesmo indício de que pretendesse realizar uma tradução da Bíblia para francês, tal como Martinho Lutero tinha feito para alemão.

Desde logo, é importante perceber que o contexto histórico, lin-

TIMÓTEO A. J. CAVACO – Calvino e a Bíblia

guístico e cultural em que Lutero exerce a sua acção alguns anos antes é substancialmente diferente do de Calvino. Estas diferenças de matriz e de paradigma reflectem-se inclusivamente no facto de a língua alemã e outras línguas germânicas, por razões obviamente não inerentes às próprias línguas, acabaram por ficar ligadas ao conceito, ainda que questionável, das “traduções autorizadas” da Bíblia. Entre as mais marcantes podemos referir a própria “Bíblia de Lutero” (1534), alemã, a “Bíblia do Rei Tiago” (1611), inglesa, e a “Bíblia de Estado” (1637), holandesa. Por outro lado, no protestantismo latino encontramos com frequência traduções históricas, mas nunca as já referidas “autorizadas”. Dentre essas traduções históricas podemos referir a de Cassiodoro Reyna (1569) em espanhol, Giovanni Diodati (1603) em italiano e a de João Ferreira de Almeida (1681) em português.

Antes de todas estas, porém, temos duas importantes traduções francesas. A sua primeira tradução completa da Bíblia surge ainda no século XVI sendo seu autor o erudito católico romano Jacques Lefèvre d'Étaple, cuja tradução foi, apesar de tudo, acusada de tender para o protestantismo. A Bíblia completa é publicada em 1530, após a publicação do Novo Testamento em separado em 1523 e o Antigo Testamento em 1528. Este texto acabou por servir de base a outras traduções e versões católicas e protestantes nos séculos seguintes.

A primeira Bíblia protestante vem a público poucos anos depois – em 1535 – tendo sido responsável por esta tradução Pierre Robert conhecido como “Olivétan”, um erudito das línguas originais, professor da Universidade de Estrasburgo e discípulo próximo de d'Étaple.

No entanto, é a ligação de Olivétan a Calvino que nos interessa explorar. Para além de uma comunhão e identificação teológica e ideológica entre as duas personalidades havia uma ligação próxima entre ambos – eram primos – e terão mesmo crescido juntos na sua cidade natal. O brilhantismo intelectual de Olivétan foi fulgurante mas breve já que morreu antes de completar os 35 anos, em 1538. Apesar de esta tradução não ter permanecido como um texto de referência até aos dias de hoje foi, ainda assim, substancialmente revista e utilizada ao longo do século XVI e seguintes. Como é óbvio, Calvino – para além de ter escrito o prefácio à sua *editio princeps* em 1535 – foi uma importante fonte inspiradora do trabalho de Olivétan. De referir que este prefácio de Calvino constituiu o texto mais antigo publicado por si em língua francesa e precede por pouco a primeira edição das *Institutio*.

Podemos assim concluir que apesar de Calvino não ter sido um tradutor das Escrituras ao modo de Lutero pode-se contar entre os tradutores da Reforma, a qual constitui uma marca indelével deste mo-

vimento religioso do século XVI. João Calvino tinha aliás todas as qualificações para tal já que era profundo conhecedor da Sagradas Escrituras e dos seus textos nas línguas originais, já para não falar em latim, língua que conhecia como ninguém. É pois maliciosa a afirmação de um contemporâneo seu segundo o qual Calvino não conheceria mais que o alfabeto hebraico.

---

### O Comentador das Escrituras

---

Olhando para a vasta e profunda obra de comentário bíblico de Calvino é difícil ou até abusivo inferir que o Reformador não pretendesse ser um exegeta. Numa edição em inglês do século XIX o total dos seus comentários abrange 22 volumes densos e profundos que abordam praticamente todos os livros do Novo Testamento (com a exceção mais significativa do livro de Apocalipse) e a grande maioria dos livros do Antigo Testamento.

Porém, ao contrário do que acontece com as suas *Institutio*, que são um corpo altamente sistematizado e que vai sendo sucessivamente enriquecido – desde a sumária primeira edição em 1536 até à edição monumental de 1559 – os seus comentários vão evoluindo ao sabor de um “plano” desconhecido. Estes comentários são claramente obra do “Pastor Calvino” pelo que não admire que só os comece a publicar já bem depois do seu regresso a Genebra em 1541, com exceção do comentário à epístola aos Romanos que é publicado em 1540. A partir de 1548 e quase até ao seu falecimento Calvino vai publicando sem uma ordem pré-definida os seus comentários. Apesar de ter começado pelo Novo Testamento deixa para o fim a sua Harmonia Comentada dos Evangelhos, em 1563.

“...serenidade, clareza, força de argumento, paciência na pesquisa, ensino sólido” são apenas algumas das qualidades que Hull encontra nos comentários de Calvino concluindo ele sobre a superioridade deste trabalho em relação ao trabalho equivalente de Lutero no tratamento das Escrituras, sem desmerecer o mérito do Reformado de Vitenberga. Em suma, Calvino foi um justo e sério comentador das Escrituras não se deixando intimidar em nenhum momento e em nenhuma circunstância, muito menos para dar mais importância à sua palavra do que à Palavra que comentava.

